

## BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

### GENDER STANDARDS IN TOYS AND PLAY IN CHILDHOOD EDUCATION

Malu da Silva Santos<sup>1</sup>

Giani Rabelo<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar uma pesquisa realizada em um Centro de Educação Infantil da Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma (AFASC) com professoras do Grupo 4, com o intuito de compreender como os atributos do gênero masculino e feminino, interferem nas escolhas das crianças em relação aos brinquedos e brincadeiras no cotidiano da Educação Infantil na perspectiva das professoras. Foram entrevistadas quatro professoras por meio da plataforma Google Meet entre os dias 12 e 13 de março de 2021. O uso da referida plataforma foi a maneira encontrada para a realização das entrevistas, uma vez que o contato presencial poderia colocar em risco a saúde da pesquisadora e entrevistadas, em função da pandemia do COVID-19. As entrevistadas foram convidadas pela própria pesquisadora sendo duas com formação no magistério e duas com formação em nível superior em Pedagogia. As entrevistas foram gravadas, transcritas, tematizadas e analisadas. O roteiro foi organizado em quatro eixos: 1- Concepção do brincar pelas professoras da Educação Infantil em suas práticas; 2- Os brinquedos e as brincadeiras na construção dos gêneros feminino e masculino na infância; 3- Sobre as preferências das crianças em relação aos brinquedos e olhar das professoras e 4- A formação das professoras na Educação Infantil sobre o conceito de gênero. Os conceitos discutidos e que ancoraram as análises foram: brinquedo, brincadeira e gênero. Com este estudo podemos perceber que os padrões de gênero estão presentes nas escolas de Educação Infantil Grupo 4 (3 à 4 anos) e que são reproduzidos pelas crianças e pelas professoras, mesmo que estas se esforcem para que isso não ocorra. A reprodução destes padrões é algo que foi naturalizado e não problematizado nas formações (inicial e continuada) destas profissionais, porém há tentativas de construir rupturas em relação aos padrões o que possibilita que as crianças brinquem mais livre e espontaneamente sem a necessidade de atender os modelos de gênero de forma rígida.

**PALAVRAS CHAVE:** Brinquedo. Brincadeira. Educação Infantil. Gênero.

**ABSTRACT:** The objective of this article is to present a research carried out in a Child Education Center of the Female Social Assistance Association of Criciúma (AFASC) with teachers from Group 4, in order to understand how the attributes of the male and female gender interfere in the choices of children in relation to toys and games in the daily life of Early Childhood Education from the perspective of teachers. Four teachers were interviewed

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia da UNESC, Criciúma, Santa Catarina, Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela UFRGS. Email: gra@unesc.net

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº3, setembro/dezembro 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC



through the Google Meet platform between March 12 and 13, 2021. The use of this platform was the way found for conducting the interviews, since face-to-face contact could put the researcher's health at risk and interviewed, due to the COVID-19 pandemic. The interviewees were invited by the researcher herself, two with training in teaching and two graduated in Pedagogy. The interviews were recorded, transcribed, themed and analyzed. The script was organized into four main lines: 1- Conception of playing by teachers of Early Childhood Education in their practices; 2- Toys and games in the construction of the feminine and masculine genders in childhood; 3 - On children's preferences in relation to toys and teachers' views and 4- The training of teachers in early childhood education on the concept of gender. The concepts discussed and which anchored the analyzes were: toy, play and gender. With this study, we can see that gender patterns are present in Early Childhood Education schools (Group 4) and that they are reproduced by children and teachers, even if they strive to prevent this from happening. The reproduction of these patterns is something that was naturalized and not problematized in the training (initial and continued) of these professionals, however there are attempts to build breaks in relation to the standards, which allows children to play more freely and spontaneously without the need to meet the models of gender in a rigid way.

**KEYWORDS:** Toy. Joke. Child education. Gender.

## 1 INTRODUÇÃO

O tema gênero nos brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil emergiu da experiência que tive em estágio não obrigatório na Educação Infantil Grupo 4 (3 à 4 anos), ocorrido em um Centro de Educação Infantil da Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma – CEI/AFASC, entre os anos de 2018 e 2019. À época, uma das questões que me chamou muita atenção foi a forma como as crianças escolhiam seus brinquedos e brincadeiras, como se separavam em grupos e como as professoras reagiam a essas ações. A partir dessas observações, percebi a necessidade de pesquisar como o gênero da criança influencia na escolha de brinquedos e brincadeiras.

Posteriormente, no estágio obrigatório no qual elaborei projetos para atuar como professora regente de turma, meu interesse se voltou mais para assuntos relacionados aos padrões de comportamento impostos socialmente aos meninos e às meninas movidos pelos padrões de gênero. Com este entendimento acabei elaborando projetos tendo como foco os brinquedos e brincadeiras.



O gênero, de forma binária, é entendido como algo que foi historicamente construído dentro das sociedades separando seus membros entre os sexos e predefinindo comportamentos adequados e inadequados para homens e mulheres. O gênero socialmente formado cria expectativas de atitudes e condutas desde o nascimento de uma criança, impondo sobre ela ações e modos de comportamentos de acordo com o que é esperado para mulheres e homens, meninas e meninos. Estes modelos são dispostos de forma hierarquizada, colocando as mulheres (o feminino) como sujeitos inferiores aos homens (masculino). A ideia de buscar compreender a visão das professoras sobre a ingerência do gênero (masculino e feminino) nas escolhas dos brinquedos e brincadeiras pelas crianças, como questão de pesquisa para este trabalho de conclusão de curso, foi definido a partir do diálogo com minha orientadora professora Giani Rabelo. Portanto, a questão que guiará este estudo é: Como as professoras da Educação Infantil (Grupo 4) percebem a ingerência dos atributos de gênero masculino e feminino na escolha dos brinquedos e brincadeiras pelas crianças no cotidiano da Educação Infantil?

A relevância deste estudo justifica-se pelo fato de o brinquedo e a brincadeira serem aspectos que ocupam um lugar importante nas práticas pedagógicas da Educação Infantil e, conseqüentemente, ocupam um espaço significativo na formação de professores e professoras que atuaram neste nível da educação.

Como já anunciei, em minha experiência na Educação Infantil (Grupo 4), pude observar como as crianças na hora das brincadeiras separavam-se em grupos distintos. Geralmente, as meninas escolhiam as bonecas e objetos semelhantes aos que existem dentro de uma casa ou profissões relacionadas ao feminino: brincavam de casinha, de escola, de passar roupa, de mamãe e filha entre outras brincadeiras que iam à mesma direção. Já os meninos pegavam os carrinhos, as armas de brinquedo, os bonecos de desenhos animados que gostavam e brincavam pela sala, correndo, pulando, gritando. Ao contrário dos meninos, as meninas geralmente ficavam mais tranquilas e restritas a um canto da sala. Muitas vezes, quando alguma menina ou menino queria brincar com o grupo oposto surgia conflitos, pois era dito que tal brinquedo ou brincadeira não era para ela/ele.

Acredito que essa separação reforça as desigualdades de gênero porque contribui para demarcar, desde a infância, comportamentos definidos socialmente para homens e

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº3, setembro/dezembro 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC



mulheres, resultando em diferenças salariais nas quais as mulheres são as mais prejudicadas, por exemplo. Tais desigualdades podem, inclusive, justificar a violência contra as mulheres. Neste viés, as meninas devem brincar de boneca uma vez que na vida adulta espera-se que tenham filhos/as e deverão saber cuidar dos/as mesmos/as. Já os meninos devem brincar de carrinho, pois quando adultos serão responsabilizados pela manutenção da família e o carro seria a forma de locomover seus membros. A partir desta realidade vivenciada, inclusive no ambiente escolar, é que este estudo foi desenhado.

Os estereótipos já aparecem antes mesmo de a criança nascer, pois quando os pais recebem a notícia de que terão uma menina, em geral pintam o quarto de rosa e compram bonecas como decoração e quando sabem que será um menino, pintam o quarto de azul e compram carrinhos. Em meus estágios pude observar esses estereótipos sendo reproduzidos no cotidiano da Educação Infantil pelas crianças e até pelas professoras, daí a necessidade de compreender como os atributos do gênero masculino e feminino, interferem nas escolhas das crianças em relação aos brinquedos e brincadeiras no cotidiano da Educação Infantil (Grupo 4), na visão das professoras.

Com a finalidade de realizar esta pesquisa foram traçados o objetivo geral e os objetivos específicos. Como objetivo geral pretendi compreender, na visão das professoras, como os atributos do gênero masculino e feminino, interferem nas escolhas das crianças em relação aos brinquedos e brincadeiras no cotidiano da Educação Infantil (Grupo 4). Como objetivos específicos foram definidos os seguintes: compreender como o brincar é concebido pelas professoras da Educação Infantil em suas práticas pedagógicas; perceber como os brinquedos e as brincadeiras atuam na construção dos gêneros feminino e masculino na infância; identificar as preferências das crianças em relação aos brinquedos e o olhar das professoras e, por último, identificar o entendimento/formação das professoras na Educação Infantil sobre o conceito de gênero.

A pesquisa foi realizada em um CEI da AFASC com 04 professoras que atuam no Grupo 4. A fim de entrevistá-las foi elaborado um roteiro prévio. As entrevistas foram realizadas por meio da plataforma Google Meet entre os dias 12 e 13 de março de 2021. O uso da referida plataforma foi a maneira encontrada para a realização das entrevistas, uma vez que o contato presencial poderia colocar em risco a saúde da pesquisadora e entrevistadas, em

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº3, setembro/dezembro 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC



função da pandemia do COVID-19. As entrevistadas foram convidadas pela própria pesquisadora sendo 02 (duas) com formação no magistério e 02 (duas) com formação em nível superior em Pedagogia.

As entrevistas foram gravadas, transcritas, tematizadas e analisadas. O roteiro foi organizado em quatro eixos: 1- Concepção do brincar pelas professoras da Educação Infantil em suas práticas; 2- Os brinquedos e as brincadeiras na construção dos gêneros feminino e masculino na infância; 3- Sobre as preferências das crianças em relação aos brinquedos e olhar das professoras e 4- A formação das professoras na Educação Infantil sobre o conceito de gênero. As entrevistadas assinaram um termo de consentimento esclarecido no qual autorizaram a publicação de seus nomes.

A professora Rosa é formada no magistério e está cursando Pedagogia, trabalha com a Educação Infantil há 8 anos e tem 2 anos de experiência com o Grupo 4. A professora Pérola é formada em Pedagogia e tem formação em nível de pós-graduação (especialização) e trabalha com a Educação Infantil há 6 anos e tem 1 ano de experiência com o Grupo 4. A professora Valquíria é formada em Pedagogia e também tem formação em nível de pós-graduação (especialização) e trabalha com a Educação Infantil há 11 anos e tem 3 anos de experiência com o Grupo 04. A professora Luciana é formada em magistério e trabalha com a Educação Infantil há 4 anos e tem 2 anos de experiência com o Grupo 04.

Este artigo, que intenta apresentar resultados da pesquisa realizada, foi organizado da seguinte forma, num primeiro momento, debatarei sobre a concepção do brincar das professoras em suas práticas pedagógicas, no item seguinte abordarei os brinquedos e as brincadeiras na construção dos gêneros feminino e masculino na infância na perspectiva das professoras. Na sequência, discutirei sobre as preferências das crianças em relação aos brinquedos e o olhar das professoras e, por fim, a formação das professoras sobre o conceito de gênero.

## 2 CONCEPÇÃO DO BRINCAR DAS PROFESSORAS EM SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Muito se tem discutido sobre a importância dos brinquedos e brincadeiras na infância, pois ambos ocupam um espaço significativo nas práticas pedagógicas por serem importantes para o desenvolvimento integral da criança.

Os brinquedos e as brincadeiras são as formas como a criança, através do lúdico, se desenvolve socialmente, tanto em aspectos físicos como cognitivos e culturais. É através da ludicidade que a criança se prepara para a vida criando novos significados, interagindo socialmente e compreendendo como as coisas funcionam. Grande parte desse desenvolvimento se dá na Educação Infantil (0 a 5 anos), pois é a partir dela que as crianças brincam, interagem e socializam suas experiências com outras crianças e com adultos, como as/os professoras/es e as/os demais funcionárias/os de um centro de Educação Infantil.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017) nos mostra a importância do brincar na Educação Infantil, pois essa ação faz com que a criança se desenvolva em vários aspectos. O brinquedo e a brincadeira auxiliam no desenvolvimento social infantil. No decorrer do desenvolvimento, as brincadeiras ajudam na resolução de problemas e a controlar emoções, ações que se fazem necessárias na sociedade.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. [ ]. Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2017, P. 37/38).

Os brinquedos e as brincadeiras vêm de um processo histórico no qual atualmente são produzidos em grande escala, oferecendo uma dinâmica de experiências, aprendizagens e vivências variadas, possibilitando que a criança adquira diversos conhecimentos fornecidos. Mas, o brinquedo nem sempre é algo industrializado e pode ser feito manualmente. Uma pedra, um galho entre outros objetos, podem se tornar brinquedos nas mãos de uma criança, a partir da sua imaginação.

Durante as entrevistas, as professoras ao serem questionadas sobre o uso de brinquedos e brincadeiras nas práticas pedagógicas, manifestaram que utilizam de brinquedos e brincadeiras todos os dias em suas práticas, pois os mesmos mantêm as crianças interessadas nas atividades que são organizadas. A resposta da professora Pérola ilustra esta afirmação: “Com certeza, sempre, porque a brincadeira atrai a criança, é uma forma lúdica de ela aprender e ela gostar e ter prazer no momento que ela está aprendendo ao mesmo tempo”.

O brinquedo pode ser visto também como um objeto que complementa a brincadeira. A brincadeira, por sua vez, pode fazer com que a própria criança modifique suas regras, brinque da sua maneira, adaptando-a da forma que for desejada no momento. De acordo com Lira e Nunes (2016, p. 182), o brinquedo pode contribuir no campo da experiência e criatividade e assim, “[...] aparece como um pedaço de cultura colocado ao alcance da criança. É o seu parceiro na brincadeira. A manipulação do brinquedo leva a criança à ação e à representação, a agir e a imaginar”.

A partir do brinquedo a criança entra, cria, imagina uma brincadeira que a leva para outro mundo, no qual tudo que estiver ali vem de sua criatividade, dando total controle a ela de qualquer situação e eventos existentes. Para Volpato (2017, p. 28): “Os brinquedos e as brincadeiras podem se constituir em fonte de saber e conhecimento, pois onde crianças brincam, existe um tesouro enterrado”.

Os brinquedos e as brincadeiras oferecem à criança a oportunidade de vivenciar, de maneira semelhante, o cotidiano de uma pessoa adulta, fazendo com que crie uma situação imaginária, proporcionando um desenvolvimento do pensamento crítico, imaginação e criatividade.

Além disso, segundo Bohm (2014, p. 04) “As brincadeiras infantis exercem um papel muito além da simples diversão, possibilitam aprendizagem de diversas habilidades e são meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual da criança”.

Os brinquedos e as brincadeiras, com o passar dos anos, ganharam espaço nos processos pedagógicos, tendo grande importância e participação no desenvolvimento da criança, estes passaram a ser objetos que auxiliam nas práticas pedagógicas. Brinquedos e brincadeiras aguçam nas crianças curiosidade e autonomia entre outros aspectos importantes para o avanço do processo de ensino e aprendizagem.

Atualmente, são usados diversos materiais nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, dos quais são, na maioria, brinquedos e as realizações de brincadeiras, que são essenciais para o desenvolvimento e socialização das crianças. Segundo Loro (2015, p. 19):

A metodologia de ensino praticada atualmente pelas escolas de educação infantil visa garantir às crianças uma grande variedade de materiais e brinquedos, os quais possam colaborar no seu desenvolvimento e criatividade. Tais brinquedos devem estimular os sentidos, pois quanto mais variadas as cores, as texturas, os materiais e os estímulos que eles permitirem, melhor será para o seu desenvolvimento.

Os brinquedos e as brincadeiras são indispensáveis na Educação Infantil, sendo eles de suma importância para o desenvolvimento cultural, social e individual da criança. É na Educação Infantil, em contato com outras crianças, manuseando brinquedos e participando de brincadeiras que as crianças interagem um com o outro estimulando a imaginação e desenvolvendo a comunicação entre si. Tal assertiva vai ao encontro do entendimento das professoras sobre o brincar na Educação Infantil. As mesmas compreendem que o brincar tem grande importância no processo de desenvolvimento da aprendizagem infantil, uma vez que na Educação Infantil o lúdico é o ponto de partida, indo desde a organização da sala, da rotina até as atividades desenvolvidas. Na fala da professora Luciana esse entendimento fica evidente: “Eu acredito que o brincar é bem importante porque a criança vai se desenvolver, vai aprender tudo no brincar, ela vai conhecer coisas novas, tudo ela vai desenvolver no brincar e na brincadeira, então eu acredito que é muito importante”.

É importante que os pais e educadores estejam cientes de que o brinquedo e a brincadeira fazem parte do processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança, tornando esse processo agradável e prazeroso. De acordo com Loro (2015, p. 13) “é pelo brincar que a criança pode ampliar habilidades significativas como a atenção, a memória, a imitação, a imaginação, bem como desenvolver áreas da personalidade”.

Dentro da Educação Infantil, para que esse desenvolvimento ocorra, é necessário que a/o educadora/o possa refletir, organizar e planejar as atividades lúdicas, desenvolvidas através dos brinquedos e das brincadeiras, necessárias para que a criança possa desenvolver-se de forma prazerosa brincando e interagindo com o restante da turma.



Sobre a organização e distribuição das brincadeiras junto às crianças, observei diferentes procedimentos tomados pelas professoras entrevistadas. Uma das professoras argumenta que este processo ocorre de forma natural, não exigindo uma organização, uma vez que já está muito presente na rotina dos trabalhos. Já outra professora descreve que tenta organizar em roda ou em grupo. Caso seja uma brincadeira individual tenta organizar uma por vez ou uma brincadeira que todos participem juntos. A outra professora organiza as brincadeiras de acordo com a faixa etária das crianças. Chama a atenção o depoimento da professora Valquíria, pois foi a única que destacou uma preocupação em relação às questões de gênero no momento da organização e distribuição dos brinquedos e brincadeiras. Sobre esta questão ela comenta: “Geralmente de forma aleatória, não escolho boneca para menina carrinho para menino, eu distribuo e pergunto se eles querem trocar com o colega, se eles têm essa necessidade eles mesmos trocam entre si, mas eu distribuo de forma aleatória”.

De qualquer modo, tais respostas nos fazem pensar sobre o quanto ainda o lúdico ocorre sem um planejamento, ou seja, nem sempre estão imbuídos de uma reflexão a partir de um objetivo que leva a uma organização das atividades. Há uma certa informalidade e chama a atenção a ideia de que o brincar é algo natural, algo que faz parte da infância. É importante lembrar que nem toda criança vive a infância do modo como a sociedade moderna a concebeu. Há crianças que, desde muito cedo, precisam trabalhar para ajudar no sustento da família, por exemplo.

### **3 OS BRINQUEDOS E AS BRINCADEIRAS NA CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS FEMININO E MASCULINO NA INFÂNCIA**

Os brinquedos e as brincadeiras no processo pedagógico da Educação Infantil ocupam um lugar importante na formação e desenvolvimento da criança tanto na escola, quanto em casa, bem como no processo de socialização nos grupos infantis. Porém, os brinquedos e as brincadeiras, sendo produzidos por adultos, passam a ser categorizados e determinados para cada sexo, sem levar em conta que essa categorização não tem significado para a criança, pois esta só deseja brincar (FINCO, 2003).



Os brinquedos acabam sendo vistos como “certos” ou “errados” para cada gênero, fazendo com que as crianças criem dentro de si hábitos, muitas vezes trazidos de casa, que limitam seus momentos de brincadeiras. Momentos que deveriam ser espontâneos, prazerosos e alegres, para despertar a curiosidade e criatividade, acabam sendo limitados, pois muitas vezes as “normas proibitivas” se fazem presentes de forma sutil e impedem que meninos e meninas brinquem com determinados brinquedos.

As crianças, por muitas vezes, em suas brincadeiras ao fazerem uso de seus brinquedos reproduzem ações das pessoas adultas e ao fazê-las passam a reproduzir os mesmos padrões, como por exemplo: o homem dirige o carro para o trabalho, a mulher arruma a casa e cuida dos/as filhos/as, tidos como padrões de gênero. As características biológicas, de homens e mulheres, fundamentam a construção social e cultural dos atributos de gênero (LIRA; NUNES, 2016).

O gênero é definido como algo construído social e historicamente, que atribui padrões de comportamentos e atitudes sobre homens e mulheres. De acordo com Lira e Nunes (2016, p. 184) “trata-se da forma como os papéis sociais deles e delas são designados a partir de suas diferenças físicas, fisiológicas e anatômicas, abordando o questionamento do que significa ser homem ou ser mulher nas diferentes sociedades e tempos”.

Esses padrões são empregados na produção de brinquedos contribuindo para normatizar os comportamentos que se espera de meninos e meninas na sociedade no decorrer de suas vidas. Portanto, os brinquedos colaboram para determinar como as crianças devem se comportar e agir seguindo o que, conforme a sociedade é dito como correto para cada sexo.

De acordo com Lira e Nunes (2016, p. 186) “enquanto se apropria e usa os brinquedos disponibilizados e referendados pelos adultos, a criança está acionando valores do masculino, do feminino, ao tempo em que dramatizam as próprias vivências de gênero, ou seja, introjeta facetas de uma cultura que separa homens e mulheres”. Assim, adultos impõem seus padrões nos brinquedos e brincadeiras, desenvolvendo nas crianças comportamentos pré-determinados, pois cada brinquedo e brincadeira são direcionados para cada gênero, ocasionando uma separação dos grupos já na infância.

Muitos estudos têm apontado que a produção dos brinquedos assim como as brincadeiras são resultantes de uma concepção que se pauta na ideia de que há brinquedos

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº3, setembro/dezembro 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC



mais apropriados às meninas e outros mais aos meninos. Essa ideia é baseada em um padrão de gênero imposto na sociedade, em que meninas brincam de boneca e casinha simulando a vida real de uma mãe, “mulher dona de casa”, e meninos brincam de carrinho entre outras brincadeiras semelhantes à vida de um homem adulto que, na maioria das vezes, não fica em casa cuidando dos/as filhos/as e das tarefas de casa. Em geral as brincadeiras que são consideradas adequadas para meninos estão pautadas na ideia da aventura, trabalho e violência.

Esses padrões de gênero alicerçam a indústria do brinquedo com o intento de atender as demandas sociais, contribuindo para que os brinquedos e brincadeiras reforcem os estereótipos de gênero. Nesse sentido, os brinquedos são fabricados e direcionados a um grupo específico, o que reforça a separação das crianças de acordo com o gênero de cada um. Assim, “verifica-se que a maioria dos brinquedos de caráter industrial são endereçados ou para meninos ou para meninas.” Lira e Nunes (2016, p. 182).

A partir do momento que os brinquedos e brincadeiras recebem os padrões categorizados pelos adultos se tornam exemplos de como ser menino e como ser menina, com comportamentos e atitudes esperadas, limitando a espontaneidade infantil fazendo com que as crianças se encaixem naquilo que está pré-estabelecido. Como salienta Lira (2009, p. 512) “que ao ganhar um brinquedo, a criança recebe também um conjunto de valores, de intenções, mais ou menos explícitas, presentes nos produtos”. Ou seja, ao brincar a criança incorpora referências de comportamentos e atitudes que já foram moldadas pela sociedade.

Antes mesmo de nascer, os adultos já enquadram padrões em cima das crianças modelando seu quarto antes mesmo do nascimento, decorando com brinquedos e cores pré-determinados para o sexo da criança, impondo expectativas de comportamentos desejados para cada um. Após o nascimento, é esperado das crianças que estas sigam e correspondam às expectativas que a sociedade coloca em cima delas, brincando e se comportando da maneira considerada a correta.

Portanto, o brinquedo pode ser reconhecido como um objeto que regula, a partir da infância, a formação social, carregado de estereótipos que acabam por reforçar a desigualdade de gênero.



Na fabricação dos brinquedos é possível observar a predominância e a reprodução estereotipada de gênero, atreladas à distribuição do poder no meio social. Assim, a produção de brinquedos está arduamente focada nas crianças com o objetivo de formar e manipular os papéis femininos e masculinos, sustentando inclusive preconceitos nos usos dos brinquedos. (LIRA E NUNES, 2016, p. 190)

A produção dos brinquedos acontece a partir do que se presencia na sociedade, portanto a fabricação de brinquedos segue os padrões e estereótipos pré-determinados, separando os brinquedos por cores e diferentes tipos de objetos destinados para diversas brincadeiras, fortalecendo a separação de gênero nos brinquedos e brincadeiras e contribuindo para as desigualdades entre os gêneros.

Essa separação por gênero pode ocorrer no momento da escolha dos brinquedos e brincadeiras. No decorrer das entrevistas questionei as professoras se existia uma diferenciação nas escolhas dos brinquedos e das brincadeiras por parte das crianças, três das quatro professoras responderam de forma similar, alegando que não existe essa separação nas escolhas, pois às crianças é dada a liberdade de escolha e troca. Entretanto, o depoimento de uma das professoras indica a necessidade da mediação da professora para que esta distribuição ocorra de forma mais espontânea:

[...] no grupo 4 a gente tem o costume de fazer uma grande roda colocar todos os brinquedos no meio da grande roda e chamar uma criança de cada vez, também aleatoriamente, cada uma vai lá e pega o que ela quer, ela escolhe o brinquedo naquele momento e a gente fala “troca com o coleguinha depois”, eles são livre para estar dividindo com o colega (Pérola).

No entanto, uma professora salientou que quando as crianças escolhem os brinquedos a diferenciação entre os tipos de brinquedos concebidos para meninos e meninas ocorrem, mas quando é ela quem faz a distribuição isto não ocorre. Nas palavras da professora Valquíria: “Quando eles escolhem sim, mas eu distribuo aleatoriamente”. Neste caso, fica evidente a importância da condução das atividades pela professora de modo que não reforce os papéis atribuídos ao masculino e ao feminino pela sociedade e que acabam resultando na desigualdade de gênero.

Ao escolherem brinquedos e brincadeiras as crianças levam em conta as referências, criadas historicamente, ligadas ao gênero, levando-as a terem “preferências” por



determinados brinquedos. As escolhas são consequências de um ensinamento social de que tal brinquedo é para menina e tal brinquedo para menino. Segundo Lira e Nunes (2016, p. 191) “de modo geral os brinquedos dirigidos às meninas privilegiam o espaço familiar, a maternidade, a interioridade do lar, enquanto os produtos para os meninos refletem o mundo do trabalho, da aventura”. A consequência é que a criança se reprima por querer brincar com algum brinquedo que não é considerado “adequado” para ela, limitando-a a escolher objetos estabelecidos.

A fim de compreender ainda mais os brinquedos e as brincadeiras na construção dos gêneros feminino e masculino na Educação Infantil as professoras foram indagadas se percebem no cotidiano do seu trabalho a divisão entre meninos e meninas na hora das brincadeiras, as quatro professoras manifestaram diferentes olhares.

Geralmente as meninas preferem brincar com as meninas e os meninos com os meninos, não dividindo o brinquedo entre menino e menina, mas em grupinhos de crianças, sim (Rosa)

Não, nesse grupo 4 específico a gente não percebe isso meninos brincam com meninas, meninas brincam com meninos, meninas adoram brincar com carrinhos e eles estão sempre brincando com o brinquedo do outro e não percebemos isto ainda (Pérola).

Sim, no grupo 4 as meninas na hora da brincadeira livre elas se afastam pegam as bonecas, as panelinhas e vão para o cantinho delas e tem meninos na minha sala, tem um menino em particular que ele gosta dessas brincadeiras e ele reclama pra mim que elas não deixam ele brincar, **aí eu tento conversar com elas que ele pode brincar, que ele pode ser algum membro da família que represente o sexo masculino e aí elas aceitam** (Valquíria, **grifos meus**).

Algumas vezes sim, mas na maioria das vezes as crianças não se dividem, elas brincam normalmente, as meninas brincam com os meninos vice-versa. Pode acontecer, mas é bem difícil, normalmente elas brincam misturadas, não há uma divisão (Luciana).

Dentre os depoimentos citados chama a atenção o depoimento da professora Valquíria. Fica perceptível que nem sempre os brinquedos que foram pensados para as meninas e meninos e que estão vinculados aos atributos do feminino e masculino construídos socialmente correspondem as preferências de um menino e/ou de uma menina. A tentativa de estabelecer padrões para o feminino e para o masculino nem sempre tem sucesso, pois há sujeitos que subvertem a estes modelos desde muito cedo. Mesmo havendo uma “subversão” Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº3, setembro/dezembro 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC

por parte deste menino, a professora cria uma estratégia para que ele seja aceito na brincadeira das meninas e a saída que ela encontra é “que ele pode brincar, que ele pode ser algum membro da família que represente o sexo masculino e aí elas aceitam”. Observa-se que existe por parte da professora uma tentativa de amenizar a situação de conflito, porém ela acaba por reforçar os estereótipos de gênero no momento da brincadeira. O depoimento da professora nos leva a pensar o quanto estes modelos são presentes e definidores de comportamentos atribuídos pelos adultos às crianças. Há um processo de naturalização destes atributos e comportamentos que também atravessam as instituições escolares.

Brinquedos e brincadeiras podem gerar conflitos entre as crianças e é papel da/o educadora/o selecionar e mediar as brincadeiras para que estas não gerem problemas e sim atinjam os objetivos desejados. É parte do trabalho da/o educadora/o garantir a diversidade de situações que irão promover o desenvolvimento das crianças, observar e entender o brincar da criança a fim de garantir a sua criatividade, entusiasmo e alegria (LORO, 2015).

Além de todas as contribuições que os brinquedos e as brincadeiras proporcionam ao desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, é preciso pensar sobre o seu papel na construção dos gêneros masculino e feminino, pois nestes estão presentes estereótipos trazidos de casa e fixados pela sociedade que impõem padrões sobre os brinquedos e brincadeiras, direcionando e determinando que brinquedo cada um pode brincar e que brincadeira é mais apropriado participar.

#### **4 SOBRE AS PREFERÊNCIAS DAS CRIANÇAS EM RELAÇÃO AOS BRINQUEDOS E OLHAR DAS PROFESSORAS**

Ao serem indagadas sobre o que em geral os meninos e meninas gostam de brincar e o que elas, enquanto professoras, avaliam sobre estas preferências as respostas se aproximam muito da ideia de que no geral não há uma preocupação por parte das crianças em ficarem restritas a determinados tipos de brinquedos ou brincadeiras, no entanto ainda a divisão em relação ao que seja mais apropriado para meninos e meninas se manifesta no cotidiano do Grupo 4. Os dois depoimentos que seguem trazem indícios destas duas possibilidades e a forma como as professoras avaliam estes comportamentos.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº3, setembro/dezembro 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC



Os meninos eles gostam de brincar, eu percebo, de carrinho e as meninas também e eu acho bem legal isso porque brincam juntos. Geralmente a gente pensa “carrinho é só para menino”, mas a gente não vê isso no Grupo 4. Eu acho bem legal e eles gostam de brincadeiras também no parque, eles gostam de brincar na verdade mais de brincadeiras livres, eles não dão tanta importância para o brinquedo, chega um momento que eles enjoam do brinquedo, gostam de brincar no parque no ar livre na rua (Pérola).

Eu penso que já é do costume, se nasce uma menina a mãe já compra panelinha, coisas da cor rosa, mas eu acredito que isso está mudando também bastante [...]. Eu tenho meninos que gostam muito de brincar com panelinhas e muitos não sentem essa diferença, “porque eu tenho que usar rosa ou porque eu tenho que usar azul?”, eles são mais tranquilos em relação a isso (Valquíria).

Seguindo os questionamentos, elas foram indagadas sobre a forma como avaliam a ideia de que existem brinquedos mais apropriados para meninas e meninos. Houve convergência entre as professoras em torno do pensamento de que não existe esta rigidez. O depoimento da professora Pérola traz esta flexibilidade e abertura em relação as escolhas que nem sempre seguem os padrões sociais que definem que tipo de brinquedo e brincadeira são mais apropriados para meninas e meninos:

Eu creio que não, porque, ainda mais hoje em dia na época em que a gente vive eu acho bem interessante menino pegar uma boneca porque ali ele conhece as partes do corpo da boneca ele vê os olhos, vê todos os órgãos, pernas, braços e ali a gente pode já fazer várias perguntas, estar realizando uma atividade na hora da brincadeira, e menina também brincar de carro é uma coisa que também é bom as meninas já brincarem, conhecerem, é uma coisa também no dia a dia das mulheres, então eu creio que não (Pérola).

Entretanto, o depoimento da professora Valquíria traz um elemento para pensarmos sobre a indústria do brinquedo: “Eu acredito que não, porque cada um pode brincar do que quiser não tem um brinquedo ‘isso foi feito para menina’ não existe isso, não está escrito na embalagem o que eles frisam é apenas a idade, mas o sexo não está mencionado”.

A questão que fica é a seguinte: até que ponto esta afirmativa corresponde à realidade concretizada pela/na indústria do brinquedo. Na introdução deste trabalho apresento a ideia com base em Lira e Nunes (2016, p. 182) de que “verifica-se que a maioria dos brinquedos de caráter industrial são endereçados ou para meninos ou para meninas”. Um exemplo disso está nos sites das lojas, ao pesquisar brinquedo, você será direcionado a brinquedos de meninas ou de meninos, reforçando a separação entre os gêneros. Neste Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº3, setembro/dezembro 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC



sentido, reitero que os padrões de gênero alicerçam a indústria do brinquedo contribuindo para que os brinquedos e brincadeiras reforcem os estereótipos de gênero.

Outra abordagem realizada neste tópico, ou seja, sobre as preferências das crianças em relação aos brinquedos e olhar das professoras, as mesmas foram questionadas se em suas experiências pedagógicas vivenciaram situações em que meninos e meninas manifestam preferências distintas daquelas supostamente mais adequadas para meninos e meninas e como agiram e se o assunto chegou a ser discutido pela direção da escola e pais. As professoras concordaram ao assegurar que isso é recorrente no Grupo 4 da Educação Infantil, pois para as crianças não há a noção de diferenciação e as escolhas ocorrem de forma natural não havendo a necessidade de levar o assunto para a direção ou pais. Os depoimentos das professoras Luciana e Rosa são esclarecedores:

Sim, já aconteceu, as crianças não têm brinquedo específico, a gente deixa que eles escolham os brinquedos no baú, então eles escolhem o que eles querem brincar. E não foi feito nada porque se a criança está confortável para brincar não tem o porquê de a professora interferir. Se a criança quer brincar ela vai brincar, e nunca chegou a ter problema algum com relação aos pais e a direção, quanto a isso é bem tranquilo, elas brincam com o que elas tiverem confortáveis para brincar (Luciana).

Sim, já aconteceu, mas é tratado normalmente como eu falei o menino pode com certeza brincar com uma boneca e uma menina com um carrinho e acredito que nunca foi comentado com os pais porque é algo que não é relevante, a criança está brincando (Rosa)

A separação dos brinquedos vem do mundo adulto e atinge as crianças maiores em maior medida até chegar às menores, porém é perceptível através dos relatos das professoras que os pequenos não reproduzem essa distinção em grande escala, elas simplesmente, na grande maioria das vezes, brincam com o que sentem vontade e com o que as deixam confortáveis.

## 5 A FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO

O termo gênero é compreendido como uma construção social que uma cultura determina padrões de comportamentos sobre os sexos masculino e feminino, sendo assim Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº3, setembro/dezembro 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC

produzem-se características específicas para homens e mulheres determinando atributos e qualidades para cada sexo, separando a sociedade em dois grupos. Essa separação, causada pelas características forjadas para cada gênero, cria expectativas, delimita e define funções, comportamentos, ações, pensamentos e atitudes específicas. Tal entendimento e prática social acabam por ocasionar um preconceito sobre aqueles que não correspondem a tais expectativas e, além disso, provoca uma desigualdade entre os gêneros, hierarquizando-os como se o masculino fosse superior ao feminino.

Todos crescem dentro de uma sociedade que separa os gêneros que carregam consigo esses padrões de comportamentos e atitudes. Os/as professores/as como atuam em uma das mais importantes instituições, que também é atravessada por estas definições de gênero precisam refletir e debater sobre o tema gênero e suas consequências para a vida de meninos e meninas. Atualmente este tema se encontra muito presente nos debates acadêmicos. Para poder argumentar sobre o assunto é necessário que o professor receba uma formação relacionada ao tema, uma vez que se trata de um termo complexo.

Uma formação trazendo como foco principal o tema gênero serve para desmistificar conceitos enraizados que estão presentes conscientes ou inconscientemente nas práticas educativas de professores/as, atualizando-os(as) e ampliando seus conhecimentos para que possam argumentar com domínio o assunto dentro das escolas a fim de construir ambientes mais acolhedores e democráticos.

Considerando a escola como um dos principais espaços de socialização para crianças, jovens e adultos destaca-se que para alcançar os ideais democráticos e de direito é necessário que a discussão envolvendo a diversidade sexual e de gênero esteja presente no dia a dia escolar. A retirada dos temas gênero e orientação sexual do PNE e da BNCC tira a legitimidade do tema, entretanto isso não significa que professores/as não possam abordá-los, tendo em conta que fazem parte das demandas dos próprios estudantes. (SOARES; MONTEIRO, 2019 p. 289)

Existem preconceitos relacionados ao gênero que ocasionam um processo de exclusão nas escolas e na sociedade, debater sobre tal tema em sala de aula pode ser uma forma de denunciar esses preconceitos.

As formas como homens e mulheres vivenciam e dão sentido à sua sexualidade é mediada, de forma importante, pelas crenças, valores e práticas culturais orientados



pelas questões de gênero. Em termos de formação de professores/as, é necessário considerar a dimensão motivacional e integrarmos sexualidade e gênero. É preciso também abordar a sexualidade evitando a reprodução de estereótipos de gênero. (MADUREIRA; BRANCO, 2015, p. 584)

O gênero parte de uma construção histórica social, portanto, dentro da sociedade e em diferentes culturas, carrega significados distintos de feminilidade e masculinidade, nos quais mulheres são do lar e homens trabalham fora de casa e sustentam a família, entre outras características incorporadas a cada gênero. Esses significados e características são reproduzidos e modificados ao longo dos anos dentro das escolas, definindo novos estereótipos e reforçando a desigualdade de gênero.

De acordo com Madureira e Branco (2015) o conceito de gênero parece distante da realidade dos professores, continuando restrito ao universo acadêmico. Sendo assim, tal tema alcança níveis mais altos em discussões acadêmicas, enquanto que para professores de Educação Infantil e Ensino Fundamental argumentar sobre o assunto pode se tornar uma tarefa complicada.

Ao se manifestarem sobre o entendimento do conceito de gênero, fica evidente o quanto ainda é necessário se avançar neste debate no “chão da escola” e, mais especificamente, da Educação Infantil. Nas respostas fica evidente a dificuldade de se expressar sobre o tema. Seguem as impressões das professoras: “É como a pessoa se identifica” (Rosa), “Eu acredito que sejam escolhas, escolhas de cada um, eu não sei muito sobre isso, mas eu creio que seja a escolha de cada um” (Pérola); “Pra mim o gênero é a forma como a pessoa acha que ela é, se ela acha que é um menino ela vai ser um menino, se ela acha que é uma menina ela vai ser uma menina” (Valquíria); “Não sei, não sei te responder” (Luciana). Nas respostas há uma certa confusão entre sexualidade e gênero, neste caso, na visão das professoras que se manifestaram, o gênero seria o mesmo que a orientação sexual ou identidade de gênero<sup>3</sup>.

Outra indagação tratou sobre a presença deste tema no decorrer da formação e apenas a professora Valquíria apontou que teve disciplina que trabalhou o tema, em suas palavras: “Sim, na minha faculdade eu tive uma matéria que era educação e sexualidade,

---

<sup>3</sup> Identidade de gênero é como a pessoa se sente e se percebe em relação ao seu gênero, a identidade de gênero pode ser feminina, masculina, trans, etc. A orientação sexual se refere ao desejo afetivo sexual que uma pessoa tem por outra, essa orientação pode ser homossexual, heterossexual, etc.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 5, nº3, setembro/dezembro 2021.– Curso de Pedagogia– UNESC



então foi bem trabalhado.”. As demais professoras responderam que não tiveram disciplinas que tratassem do assunto. Tal realidade mostra a necessidade de os cursos de licenciatura ofertarem disciplinas com discussões relacionadas a esta temática, assim como cursos de formação continuada. Madureira e Branco (2015) falam também sobre a necessidade de citar exemplos do cotidiano escolar dentro destas formações, pois os debates podem tornar as discussões mais produtivas e significativas.

Nos últimos anos o tema gênero tem despertado discussões dentro e fora do ambiente escolar. Alguns debates totalmente distorcidos, não contribuindo em nada para uma educação pautada em um compromisso acolhedor da diversidade de gênero e com responsabilidade ética.

Cabe também destacar que a concepção moral/religiosa e a heteronormatividade estão muito presentes nas falas das/os professoras/es e fazem com que muitas vezes, a partir delas, os professores respondam as situações relacionadas com as questões de gênero e sexualidade pautados em suas experiências culturais e pessoais imediatas, deixando de lado considerações científicas e político-pedagógicas sobre o tema. (OLTRAMARI; GESSER, 2019 p. 1,2)

Dificuldades podem surgir ao tratar de tal assunto, pois o gênero vem de uma construção histórica e cultural, na qual as/os professoras/es trazem consigo, desde criança, definições e características engendradas em modelos fixos e heteronormativos do que venha a ser um menino e uma menina.

Nas respostas das professoras, ao serem indagadas se, na instituição em que trabalham atualmente, este tema é discutido durante as reuniões e nos cursos de formação, elas foram diretas e unânimes a apontarem que não há esta discussão.

Abordar o assunto gênero na educação pode ser uma forma de denunciar preconceitos e combater essas práticas discriminatórias, pois estas colaboram com a persistência da desigualdade entre os gêneros, geram novos estereótipos, além da exclusão, desconforto e mal-estar daqueles/as que não se encaixam nos padrões do feminino e do masculino impostos pela sociedade. Portanto é preocupante perceber que o tema não é tratado e nem discutido na escola e muito menos nos processos formativos iniciais e contínuos. De acordo com Oltramari e Gesser (2019, p. 2), “a formação de professores deve focar no

combate a práticas discriminatórias, para a construção de uma escola mais democrática e inclusiva”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente, durante a realização do estudo, que as professoras do Grupo 04 concebem o brincar como uma forma de aprendizagem válida e importante no processo de ensino e aprendizagem das crianças, pois a maioria compreende que o brincar tem grande importância e a ludicidade faz parte da organização da sala, da rotina e das atividades desenvolvidas.

Podemos perceber que existe um esforço, por parte das professoras, para que não haja uma separação de brinquedos na hora das brincadeiras. Mas, podemos inferir que colocar o brinquedo no meio da roda, para as crianças pegarem, pode inibi-las. E a entrega aleatória por parte da professora pode configurar-se numa decisão unilateral na qual a professora decide pela criança. No entanto, nos relatos de uma professora é notável que as crianças fazem essa separação algumas vezes, nos dando a entender que desde bem pequenos já reproduzem algo que não é, mas foi naturalizado como padrão de comportamento.

No decorrer da pesquisa fica evidente que as professoras do Grupo 4 tem pouco domínio sobre o conceito de gênero, e que também não tiveram em suas formações disciplinas que tratassem do assunto. Com exceção de uma professora que em um de seus relatos conta que foi contemplada com uma disciplina que discutia sobre o tema. Contudo, a partir das descrições sobre o conceito, é perceptível que a falta da formação e entendimento sobre o tema pode causar uma reprodução dos padrões de gênero dentro das salas de aula.

Com este estudo podemos perceber que os padrões de gênero estão presentes nas escolas de Educação Infantil e que são reproduzidos pelas crianças e pelas professoras, mesmo que estas se esforcem para que isso não ocorra. A reprodução destes padrões é algo que foi naturalizado e não problematizado nas formações (inicial e continuada) destas profissionais, porém há tentativas de construir rupturas em relação aos padrões o que possibilita que as crianças brinquem mais livre e espontaneamente sem a necessidade de

atender os modelos de gênero de forma rígida. Discutir esse tema nos processos formativos pode contribuir para dirimir a violência de gênero, tão presente na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS:

BÖHM, Ottopaulo. **Jogo, brinquedo e brincadeira na educação**. 2014. 20 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Unochapecó, Chapecó, 2015.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, p. 89-101, 2003.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. BRINQUEDO: HISTÓRIA, CULTURA, INDÚSTRIA E EDUCAÇÃO. **Atos de Pesquisa em Educação**, [s. l], v. 4, p. 507-525, 2009.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; NUNES, Maristela Aparecida. Ensinando a ser menina e menino: brinquedos e relações de gênero. **Revista Multidisciplinar de Licenciatura e Formação Docente**: ensino e pesquisa, Parana, p. 180-200, 2016.

LORO, Aline Rafaela. **A importância do brincar na educação infantil**. 2015. 42 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Física, Humanidades e Educação, Unijuí, Santa Rosa, 2015.

MADUREIRA, Ana Flávia A.; BRANCO, Angela Uchoa. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as. **Temas em Psicologia**, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015. Associação Brasileira de Psicologia.

OLTRAMARI, Leandro Castro; GESSER, Marivete. EDUCAÇÃO E GÊNERO: histórias de estudantes do curso gênero e diversidade na escola. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-13, 2019.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, p. 286-305, 2019.

VOLPAPTO, Gildo. **Jogo, brincadeira e brinquedo: usos e significados no contexto escolar e familiar**. 2. ed. Criciúma: Annablume, 2017. 231 p.